

PROGRAMA AO VIVO - (RE)AVALIANDO A ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Profª Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu – Uerj / SME

Há pelo menos dois desafios na (da) escola nos dias de hoje. O primeiro diz respeito a ensinar a ler e a escrever; o segundo é avaliar o estudante na escola. O primeiro não é uma novidade, visto que sempre são dadas notícias, são feitos debates, mostrando não só a necessidade do ensino da leitura e da escrita mas também indicativos de que essa nobre tarefa não vem sendo, efetivamente, desenvolvida na escola. O segundo, a avaliação, muito provavelmente se constitui de permanente discussão entre os docentes e de provável inquietação entre os estudantes nos diferentes níveis de escolaridade. Por isso, propõem-se, neste programa, aliar os dois desafios: como avaliar a produção escrita no processo de escolarização dos estudantes nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Para tanto, retomamos o percurso de trabalho desenvolvido com a linguagem escrita, discutindo o processo de ensino da escrita em três perspectivas, a saber: (i) as diferenças das duas modalidades da língua: a oral e a escrita; (ii) a relação entre leitura e escrita; (iii) o processo de aprendizado da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua consequente avaliação.

1. As diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua

Como se sabe, a língua se constitui em duas modalidades: a oral e a escrita. Esta, ainda que seja uma **representação da fala**, não se constitui **uma transcrição** dela. Por isso, fala e escrita não coincidem, mesmo sendo modalidades da mesma língua, uma vez que cada uma delas tem suas regras próprias de realização. Ao mesmo tempo, ambas as modalidades têm traços característicos comuns. As regras da língua que estruturam a fala também estão presentes na escrita. A escrita tem uma forma própria de representar a fala. Reconhecer as diferenças entre a fala e a escrita constitui-se consciência fundamental para o aprendizado de uma língua. Essa consciência envolverá a noção de ortografia, por exemplo, exclusiva da escrita.

UNIDADE 32 – 22/11/2016

2. A relação entre leitura e escrita

Uma premissa da escrita é que somente escrevemos sobre aquilo que conhecemos, sobre aquilo de que temos conhecimento. Por isso, há uma relação muito estreita entre a leitura e a escrita, ainda que o processo de aprendizado da leitura ocorra de forma mais rápida do que o da escrita. O aprendizado da leitura alimenta o processo de aprendizado da escrita, verso e reverso de um processo único: o aprendizado da língua escrita. É importante firmar que não existe discurso sem que esteja envelopado, estruturado em um gênero discursivo. Aprender a ler é saber reconhecer/identificar as marcas linguísticas de um dado gênero, que conduzem a nossa leitura dos diferentes textos aos quais temos acesso. Aprendemos quais marcas estruturam uma receita de bolo, um conto de fadas ou uma piada, por exemplo. Essas marcas estão delimitadas pelos recursos linguísticos utilizados, como, por exemplo, o uso da expressão “Era uma vez”, nos contos de fada; da moral, nas fábulas; dos personagens, tempo, espaço e narrador, nos textos do tipo narrativo. Além dessas marcas, há outras, é evidente! Entretanto, uma função importante da leitura é ajudar as pessoas a entender os modelos de escrita, bem como alimentar o repertório de conhecimentos de cada um de nós. Para ilustrar o que se afirma até aqui, apresentamos um texto produzido por estudante do 3º ano de escolaridade.

TEMA: Escreva sobre o personagem principal da história de um dos livros que você leu (como ele é; do que ele gosta; o que ele fez etc.).

ATENÇÃO: Você pode usar uma folha de caderno ou de papel ofício para rascunho.

A personagem e história são
Zelda e ela é uma fada
acrobata branca e também o nome
é dimquirrel, o que quer ela
faz e faz o trabalho de
toda dia para noite e ela
vive para a no mundo inteiro
para no reserção mais não
para nem um misserinha

UNIDADE 32 – 22/11/2016

Vemos, claramente materializados no texto, os conhecimentos adquiridos por seu produtor a respeito da estrutura de uma narrativa. Também podemos entender aquilo que esse produtor de texto não sabe sobre narração, ainda.

Ao analisarmos a produção – Exemplo I –, observa-se que o fluxo de informações do texto produzido pelo estudante do 3º ano da primeira etapa do Ensino Fundamental atende à proposta apresentada pelo(a) docente: descrever um personagem. Dessa forma, o estudante inicia seu texto descrevendo as características físicas: “A personagem é loira – ela é uma fada”. Diz o que a personagem faz – “o que ela faz é ficar pelo mundo, todo dia, toda noite e ela vai para o mundo inteiro”.

Embora possa espantar (a sociedade!) a falta de domínio ortográfico do estudante, pode-se observar que ele atende ao solicitado na proposta. Ele cumpre exatamente o que foi solicitado. É bem verdade que o faz à maneira dele. Mas, considerando sua escrita, esse estudante tem domínio da sintaxe da língua, mantendo o tópico – fio condutor – do seu texto, marcado em um único referente, como a proposta solicita (Escreva sobre o personagem...). Observamos, no entanto, que esse produtor de texto ainda não tem pleno domínio das estratégias utilizadas na escrita, havendo um embaraçamento entre marcas da fala e marcas da escrita.

Nesse sentido, como professores de linguagem, na escola, muitas vezes nos atemos às questões ortográficas, às de pontuação, deixando de lado outros itens fundamentais para a construção do texto, quais sejam: a organização das informações, o fluxo delas no texto, o atendimento ao tema e ao gênero solicitado, itens que compõem o arsenal de conhecimentos para que aprendamos a ler.

Na perspectiva da avaliação, o texto nos fornece informações sobre o que seu produtor sabe, sobre o que ele não sabe. Considerando a avaliação em sala de aula como processo e não como produto, a estruturação do texto precisa ser nosso objeto de ensino nas aulas de alfabetização; o não conhecimento da pontuação precisa ser discutido não como uma forma de prescrição, mas como uma parte do processo de transição da modalidade oral para a modalidade escrita, ou seja, demonstrando aos estudantes as diferenças entre entoação e pontuação, por exemplo.

UNIDADE 32 – 22/11/2016

3. O processo de aprendizado da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Consideram-se os itens 1 e 2 como elementos cruciais para o desenvolvimento do processo de aprendizado da escrita. Ao se pensar na escrita, especificamente nos primeiros anos de escolaridade, não se pode deixar de pensar no percurso de aprendizagem da criança até chegar a uma escrita alfabética, nível caracterizado pela correspondência entre fonema e grafema, pela compreensão lógica da base alfabética da escrita. Nessa perspectiva, quando se fala em alfabetização, pensa-se em letras, sílabas, palavras e frases. Quando falamos e escrevemos, pensa-se, ou melhor, produzem-se contextos que incluem letras, sílabas, frases, parágrafos que constituem textos.

Por isso, é imprescindível mostrar ao estudante, no nosso dia a dia didático, uma inversão da lógica vigente até os dias de hoje no processo de alfabetização, que recorre do reconhecimento da letra para o texto. A inversão ora proposta, ou seja, partir do texto para o reconhecimento da letra e sua relação com o som, é necessária para que o estudante possa efetivamente produzir textos, e não frases soltas e desconexas, bem como combinações de letras que não levam a um efetivo significado, pois o sentido da língua somente ocorre no contexto, na apreensão da significação que só existe na materialidade do texto.

Nessa perspectiva, o texto produzido em sala de aula não é um produto acabado. Carece de análise, em primeira instância, e de reescrita, para que, dessa forma, possa ser avaliado. Metodologicamente, indicam-se as seguintes etapas do processo de aprendizado da escrita: 1) alimentação do repertório de conhecimentos da criança, partindo de textos; 2) análise da sua estrutura formal e dos recursos linguísticos, chegando à letra, seus diferentes sons e combinações; 3) desafio da escrita coletiva, individual; 4) análise da escrita produzida pelos estudantes; 4) discussão das questões linguísticas que aparecem no texto, para a consciência linguística; 5) reescrita coletiva e/ou individual.

INTERAÇÕES

PEDAGÓGICAS

MÓDULO 1º AO 3º ANO

UNIDADE 32 – 22/11/2016

Com essa metodologia, cremos, haverá, paulatinamente, a consciência linguístico-discursiva dos estudantes, debelando um dos maiores problemas enfrentados por eles, principalmente nos anos iniciais do Ensino Básico: o estabelecimento do interlocutor do seu texto escrito, o que afeta a contextualização das informações. Nesse sentido, as práticas recorrentes em sala de aula, considerando o que se escreve, para que se escreve e o porquê de se escrever vão auxiliar o estudante na consolidação dos seus conhecimentos sobre a escrita na passagem dos três anos iniciais para o 4º ano do Ensino Fundamental, contribuindo para uma avaliação centrada no processo de construção da escrita, e não meramente no produto – texto produzido.